

REVISTA

Revista Brasileira de Economia

NUM. 25



O COMMERIO A RETALHO

O FIGARINO

Fortaleza, 15 de Setembro de 1895



CHRONIQUETA

Leitores temos uma grande novidade!

Alta novidade!

Brevemente teremos que imitar ao Graphocycle, invento muito maior que o phonographo e o azeite de carapato.

O engrossamento é decididamente o segredo da vida!

Enquanto os outros arrastam os pés nas avenidas do Passeio, dançam nos clubs luxuosos, e vão dar por Saca e Meka nas — novenas do Mucuripe; nos machinamos contra a cochada velharia e o cataclysmo da agitta e até contra os rançosos preoquitos sociaes, descobrimos em mecenicia um mechanismo que mata a oelographia e deixa a meia legoa de distancia a xilographia e tudo quanto acaba em ia.

Nossos desenhos vão ter mais primor, nossa prosa vai ter mais preço tornando-nos dignos da alta estima e consideração que nos tem votado por unanimidade até hoje o respeitavel publico desta cidade.

Nossa elocuencia deo até para fazer um verso como nesta ultima linha!

Ora, leitores.

Poetas todos nós somos, todo Ceará é só poesia, uma poesia escripta em prosa, uma poesia natural, brotada de cada cerebro, nascida de cada flor, emmanada de cada raio de luz desta estrella da constellação de Hercules, que faz o papel de um diamante na abobada azul.

A nossa poesia está nos olhos destas morenas, no *degagé* destas valkyrias, no romantismo destas louras pallidas e frias como estatuas romanas, nestas fallas meigas e pouco mentirosas, nas romanzas que se cantam pelos bulevards.

Temos para dizer que as sapadas acabaram-se e assim devia ser, poi-

que nós não temos lagoas nem igarapés no abdomen para crear batrachios nem pachydermes.

Posso-vos affirmar até que o hysticismo pode inventar touo qualquer romantismo mas este... não vai nada!

Seria engraçado que viesse para cá mais um paraense botando em vez de sapos, marrecas e patouris.

Mas isto é *fin de siècle*. A sciencia medica, anarchisava-se abalando o pedestal do monumento de Le Bon, Mariotte, Benjamin de La Raiz e a mulher do Vigario.

Era preciso que dissessemos a todos estes pandegos que o carnaval ainda está longe, e lá para Fevereiro ou outro mez qualquer.

Black.

LA GLACE ELEGANTE

MEIO DIA

Meio dia. Na floresta as ventaneiras Vem desfolhando os rubidos rosas, Desatam-se os collares das palmeiras, Empastelando além os cacauzes.

Ouve-se o ranger dos troncos seculares Produzindo tristes sons por toda mata,

E no pino, o sol, o rei dos ares, Produz no lago ondulações de prata.

O vergel é o livro aberto eternamente Que nos ensina a poetica natura Conhece-la e decanta-la alegremente,

E o teu rosto na hora mais saudosa Nos ensina acreditar nesta ventura Q' nos mostra um sonho cor de rosa!

Fiddanza.

A menina do valle de rosas

PRIMEIRA PARTE

O CAMINHO DO CRIME

Guinard não foi mais a casa de Helena. Isto remordia o interiormente. Não tendo o que fazer, dirigiu-se a Passagem dos Panoramas.

Estava virado para Rosalina. Como tinha sido aquillo?

Sentara-se no restaurante fictando com embecillidade a uma vitruva de joalheiro.

Subito, enfiou pela casa a dentro

Emilio Moraes, sujeito focinhudo e alto, com ares de canalha.

Olá Guinard, tu por aqui?

— Como vês.

Vamos tomar um bock.

O creado sacudio um resto de assucar e poz um cartaz do «Gaité» sobre a mesa.

— Passens?

E sem obter resposta mastigou com abuso:

— Ora a Mascotte!

O cartaz cahio no chão de marmore fingido e Guinard abriu a boca para fallar.

Entravam muitos passeantes e a *Passage* tornava-se tulo, menos um beco que servia de comunicação.

Guinard não faltou ao *besigue* não sem ter lavado *prallines*.

Dois dias depois, Emilio tornando a encontrá-lo fez-lhe a seguinte pergunta:

Oh! Guinard diz-me uma cousa!

Serás tu o apreciador do Fenchery?

Que diabo tenho eu com isso?

Atrasteste bouquets hontem nas Variedades.

— Exactamente.

Occupavas a frisa da esquerda...

E rio-se com estouro.

Explícate-te.

Eu logo vi que tihas cahido nas malhas da menina do valle de rosas

— a Rosalina! Ah! ah! ah!

Gracejas não fui eu!

Olhastes sem ver-me no Café Inglez.

Não te occulto: é exacto.

Nada receis; disse Emilio. Guardarei o segredo.

Voltas para Orleans?

— Talvez.

Onde estás hospedado?

— No hotel Ravand.

Ver mesmas sempre no boulevard Hansmann.

E afastaram-se.

(Continúa)

GOSTO DE TI

Gosto de ver-te á janella Vestida com tanto gosto; Ail não sabes quanto és bella De papadinha no rosto.

Que morte neste sorriso Nessa trunfa de loirita E's o sol do Paraiso Com tua côr tão bonita

Go to de ver-te, menina Desde alvorada ao sol poito

Com tua face divina
E a papadinha do rosto!



LICÇÃO DE AMOR,

A' ANTONIO PORFIRIO

Si não me amavas, ó mulher, porque
adriças
Para mim tão docemente e com ternura?
Não sabias, mulher, tu não sabias
Que teo riso para mim dava ventura?

Nem por isso te chamo leviana,
Nem te acuso de falsaria, de perjura;

Só lamento miha sorte tão tyranna
Que me ha feito soffrer tanta amargura.

Vou agora aprender no soffrimento
Como se deve comprehender risos de amor,
Para não mais suportar um só momento
De angustia, de amargura e dissabor.

E se acaso me vires friamente
Com um olhar tristonho e já sem flamma,
E' que aprendi com quem foi-me indifferente
Sómente adorar a quem me ama!...

L.



LAPIS TRAVESSO

CONSELHOS UTEIS

Quem quizer ficar curado
de todo bixo que roe
tome as pilulas do afamado
pharmaceutico Zé Eloy.



ENGROSSAMENTO

Tivemos occasião de ver com os olhos que a terra fria ha de comer quando for tempo, o perfil da lracema, no Club do mesmo nome, pintada e offerecida pelo José Ireneo, nosso loiro e sympathico conterraneo.

Estavamos trajados de rigorosa toilette, todos impregnados de haubigant, bem com Deus e com as almas, flor na botoeira e ate meio optimistas.

Mas... apesar de todos os pezares perarosos, não tivemos a mais agradável impressão, não podemos conseguir o mais poetico idyllo, não podemos concordar com o pintor sobre a verdadeira interpretação da lracema, a encarnação mais palpitante da doçura, da simplicidade e do amor.

A lracema deve ser mais bonita! Aquella tem a protuberancia dos seios muito chic, neste ponto estamos de acordo, afinados no mesmo diapassão, mesmo sobre o gosto da toilette poetica e selvagem e a pose chic que o inspirado pintor deo lhe para agrado dos clubmans e regalo de nossa vista gorda.

Nada hão a expressão do rosto, este espelho do coração que está longe do ideal de José de Alencar e do nosso tambem.

Si passassemos por junto de uma lracema d'aquellas teriamos o gosto de dizer:

Morena tu gostas de mim? Qual?
Ella responderia logo como os zulu's.

Gosto de ti, mas é para te devorar!
Ao passo que a verdadeira não é assim.

Responde nos por metaphoras, dá-nos cambicas de murieys e pencas de bananas, fallando sempre nesta linguagem oriental peculiar á fortense da gamma; mas por meio de uma metaphora incendiaria, fazendo cõvinha no canto da barba, onde aninha seo desejo aperitivo, quente cheio de pruridos e muitas coisas mais...

Não é?

Ora si é!...

BLACK.



LEILÃO

O agente João Crispiniano — fará leilão amanhã a meia noite, do material e moveis pertencentes ao finado e disfallecido difunto «Jornal da Tarde», para o que se convida meia cidade.



MISSA

A empresa do desfalecido «Jornal da Tarde», agradece do amargo da alma os nembros da sociedade encyclopedica, que teve o despraser de acompanhar o enterramento do defunto já morto; e convida a Ze: po: vinho e povão — para a missa do sestimo gestimo dia, mandada resar na igreja do Ostracisco, pelas horas meianoitanas, quando os mortos se erguerem das campas.



PROCLAMAÇÃO

Vinvos da terra natal;
Beldades cahidas pelo tiro da macaca!

— Loucos de Porangaba!

— Aberrações da natureza!

Quixeramobim abre-nos as portas!

Acolá é o paiz do bucollismo, é o idyllo de Sacher Masoch, é o ideal de Mahomet, a perola de Ophir, éo engenho dos favoritos, a fabrica de casamentos!

Deixai o Amazonas onde se bebe uuro derretido e deita-se gallinha com notas de cem mil réis.

Ide ver o Quixeramobim.
Multiplicae-vos.



O nosso Dr. dos bois ficou rico, e a humanidade continua comendo e ruindo. E o nosso Dr. para bem e do bem-estar.